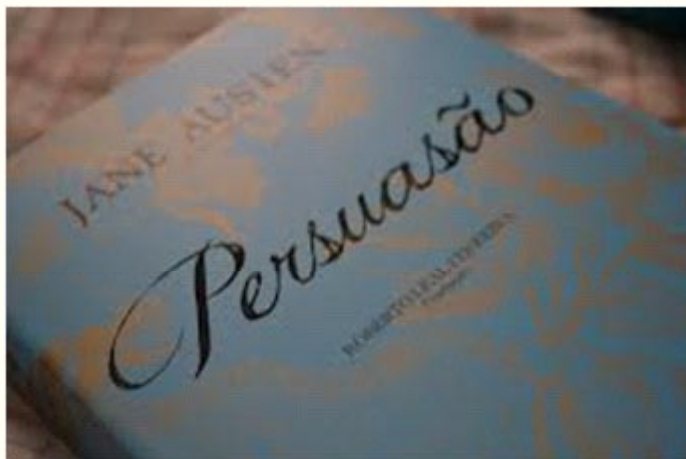


PERSUASÃO DE JANE AUSTEN: POR QUE LER UM CLÁSSICO?

Por Jeanne Paganucci



<http://michasborges.blogspot.com.br/2012/10/meus-clicks-persuasao-de-jane-austen.html>

Os clássicos são conhecidos como o que possui perfeição ou mesmo é um exemplo a ser seguido. Mas nem sempre sabemos defini-los na imensidão de significados a que remetem. Geralmente, quando perguntamos as pessoas se lêem algum livro, respondem que estão relendo ou tentando ler um livro considerado de qualidade, nunca afirmam estarem lendo realmente. A verdade é que temos medo de lê-los, mais que isso, de não entendê-los. Existem muitas razões para a leitura de um clássico, mas quais as razões mesmo? A maior razão para ler um clássico não é viajar sem sair do lugar, nem mesmo voltar ao passado ou imaginar o futuro, mas sim conhecer nós mesmos, essa a maior razão para lermos os clássicos.

Quando se trata de leitura dos clássicos, temos absoluta certeza de que não daremos conta de ler todas as obras e conhecer todos os autores, porque nos perderemos nesta tentativa. A razão que nos traz esse ensaio é a tentativa de responder o porquê de ler *Persuasão* de Jane Austen nesta vida atribulada da pós-modernidade em que a mulher destaca-se de forma diferente das personagens do romance da autora.

O universo feminino parece estar em conflito com a realidade no que diz respeito ao que pode ser feminino, o que ultrapassa razões e fragmentos desse universo na história nula e camuflada das mulheres que ainda no século XXI carregam resquícios da cultura, das imposições e do esquecimento. Então, não seria difícil imaginar o que a escrita e a leitura podem fazer para mudar a vida de uma mulher, ou melhor, de várias mulheres.

As inquietações são muitas, porque o universo feminino está carregado de objetos e falas que parecem caracterizar a mulher, mas na verdade escondem os sentimentos mais importantes pelos quais vivencia e acredita. Esse universo feminino pode ser destacado em *Persuasão* de Jane Austen, em uma visão óbvia dos acontecimentos do século XVIII em que o período romântico prevalecia. Conhecer as várias faces do feminino deveria ser a primeira

lição de uma mulher, ao invés de aprender afazeres domésticos e costuras que, muitas vezes sufocam as ideias e naturalidade com a qual a mulher poderia se descobrir ou (re) descobrir.

Anne Elliot é uma personagem anulada pela família no que diz respeito ao direito de responder por si mesma. Suas razões de viver não importam, visto que é a mulher que se submete aos caprichos da família e de uma velha amiga, Lady Russell, uma velha amiga dos Elliot que não poderia fazer algo melhor que investir em persuadir Anne a tomar decisões que mudariam sua vida.



<http://janeausten.com.br/tag/anne-elliott/>

O silêncio de Anne Elliot em suas atitudes diante da família tornava sua vida uma simples passagem a qual não importava, nem mesmo ela. A morte de sua mãe parece ter apagado sua existência e condicionado todas as suas vontades e preferências ao julgamento dos outros, sempre as necessidades de sua irmã Mary ou de sua família antes de qualquer coisa. Essa questão de ser persuadida a realizar ou vivenciar imposições alheias fez parte da vida da personagem no decorrer do romance.

A personagem Anne já fez parte da história de muitas famílias em que não somente amigas da família se interessam em proteger meninas ou moças aparentemente inocentes, mas também pais e mães que em outros tempos escolhiam uma das filhas para simplesmente não casar ou não ter escolha do que fazer da vida. Esses fatos nos fazem pensar se ainda não acontecem situações em que os pais e amigos das famílias tentam persuadir jovens a agir de acordo seus ideais de vida.

De acordo Ítalo Calvino os clássicos são livros que nunca terminam de dizer o que tinham para dizer. Dessa forma, o romance de Austen reforça essa ideia porque tudo o que traz a respeito da mulher em sua obra parece ser algo que não finalizará e teremos a sensação de que nossa próxima leitura deste clássico trará as informações que não colhemos na primeira

leitura. Jane Austen castigou bastante sua personagem Anne Elliot com a sofrida forma de viver condicionada aos outros personagens e os resultados finais apesar de parecerem felizes, não deixam de enunciar que essa “felicidade” e o pensamento de que tudo dará certo no fim não é a resposta para Austen, mas sim um sarcasmo presente nas entrelinhas, sua última carta.

O romantismo era a ideologia da nova sociedade e a expressão da visão de mundo de uma geração que deixara de acreditar em valores absolutos, que não podia continuar acreditando em valor algum sem pensar em sua relatividade e limitações históricas. Tudo, para essa geração, estava vinculado a suposições históricas, porque tinha experimentado como parte de seu próprio destino pessoal, a queda da antiga e a ascensão da nova cultura. (HAUSER: 1998, 671)

Dessa maneira, o período romântico apresentou grande importância histórica, sobretudo para o século XIX, que herdou e dependeu das experiências, dos entraves e de toda a carga do subjetivismo vivenciado no século XVIII. O que marcou esse século foi sua subsistência, não apenas sua linguagem literária, os acontecimentos referentes às correntes românticas (Alemanha, Inglaterra, França), mas por sua repercussão até a contemporaneidade. É justamente nesse ponto que encontramos *Persuasão* de Jane Austen, no final do romantismo, sintetizando sua colaboração como escritora em sua última obra, ou seja, experimentando e ousando destacar o homem e sua vida de forma constrangedora em sua personagem Anne Elliot.

As atitudes subjetivas e egocêntricas passaram a ser naturais a partir do romantismo e compõem parte das características e dos costumes do homem do século XVIII até hoje. Assim, somos impelidos naturalmente a reproduzir nossos sentimentos em nossas ações, o que vem a confirmar a influência romântica em nossos atos. Por outro lado, alguns estudiosos caracterizam este período como doente, visto que há um exagero e distorção das coisas, como se estivesse perturbado ou amedrontado. Neste aspecto, o medo da morte, do presente e do fim do mundo parece ser algo que é sua preocupação maior, além da evasão para o futuro, a utopia. O pensamento e os costumes românticos influenciaram nossa forma de viver e nos envolver com a nossa cultura e que esta pertence a um fluxo e uma luta interminável, principalmente no que se refere a nossa vida intelectual.

A arte, a literatura e os princípios românticos destacam a mudança social, filosófica e cultural para as gerações posteriores. A literatura clássica de que estamos tratando é essa, a que modifica e faz vibrar o homem em sua realidade, não àquela que faz parte de acervos de bibliotecas as quais nem mesmo os livros são manuseados por quem se contamina pela leitura, também pelos clássicos.



<http://www.fanpop.com/clubs/jane-austen/images/952956/title/jane-austen-books-wallpaper>

Clássicos então são os livros que lemos porque estamos vivos e nos interessamos por nós mesmos, por nossos antepassados, por nossas experiências e simplesmente porque queremos lê-los, o mais importante. Ler um clássico como *Persuasão* faz conectar a mente com uma escritora que observou a mulher e escreveu algo sobre a história das mulheres, suas angústias, seus desencantos, suas vozes sufocadas pela vida que levavam, mas também, a beleza e a paixão com a qual a narrativa envolve e eleva quem a lê.

Anne Elliot pode ser definida como uma mulher que representa o silêncio, a ausência, o mundo do outro, a introspecção e o retorno a si mesma. Este é um clássico e pode ser lido por ser uma leitura interessante, não por ser clássico. Se o fato de ser clássico fizesse as pessoas lerem mais os livros isso seria um acontecimento extraordinário, mas ser clássico parece ser o motivo para afastar os leitores. Indico *Persuasão* como um livro que ensina algo para a vida e que os clássicos indicam o quanto a mulher conseguiu dar um salto para fora desse mundo de Alice.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. *Persuasão*. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa* dicionário. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo; 2008.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Paidéia)